



FEIRA DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA VI FINOVA

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: FEIRA DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA DA UFRGS - FINOVA
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Como tornar as indústrias calçadista, têxtil e de vestuário competitivas: uma análise das capacidades de inovação no setor de moda do Rio Grande do Sul
Autor	RAFAELA GUILHERME GRAEBIN
Orientador	PAULO ANTONIO ZAWISLAK

Em tempos de crise, é necessário, mais do que nunca, planejar bons investimentos e ações estratégicas, uma vez que os recursos são limitados e as expectativas de receita diminuem com a estagnação do mercado. Esse cenário não é diferente no universo industrial gaúcho. Atualmente, o que se vê nessa indústria é que ela possui foco na produção e na redução de custos. Entretanto, o desenvolvimento de produto visando à agregação de valor e a busca por novos mercados são processos incipientes nas empresas industriais gaúchas. A antiga predominância da exportação já não é mais destino para a maioria dos produtos que saem das fábricas gaúchas, reduzindo seu crescimento e seu desenvolvimento. Ainda, chegam concorrentes no mercado com um preço muito menor, com o qual não é possível competir, pois, para se manterem competitivas, as firmas precisam inovar. Portanto, torna-se difícil manter as mesmas configurações empresariais em circunstâncias que requerem uma mudança nos padrões de venda e de produto. Refletindo, então, acerca dos mais tradicionais setores industriais rio-grandenses e de como eles sobreviverão à crise, questiona-se: como inovar nas indústrias tradicionais do Rio Grande do Sul? Com isto posto, o objetivo deste trabalho é analisar as capacidades de inovação das indústrias têxtil, calçadista e de vestuário no Rio Grande do Sul. Assim sendo, o trabalho será desenvolvido usando o modelo das capacidades de inovação de Zawislaket al. (2012) como base para as análises. O modelo é composto por duas dimensões: dimensão tecnológica, com as capacidades de desenvolvimento e de operação; e a dimensão de negócios, com as capacidades de gestão e transacional. A capacidade de operação disserta acerca do nível de habilidade e de rotinas que a empresa possui para realizar sua operação, desde o planejamento até a execução. A capacidade de desenvolvimento diz respeito à aptidão para absorver e transformar tecnologias a fim de usar, adaptar e criar materiais, máquinas e equipamentos, produtos e processos. A capacidade de gestão discorre sobre as habilidades e rotinas necessárias para, de fato, administrar eficientemente a empresa. Por fim, a capacidade transacional apresenta os níveis de habilidades e rotinas dos quais a firma precisa para comprar recursos necessários e vender seus produtos no mercado. Associando tais elementos com dados qualitativos obtidos, foi possível traçar o perfil dos setores. Para a realização do objetivo do presente trabalho, utilizou-se uma base de dados do projeto realizado pelo Núcleo de Estudos em Inovação, entre 2010 e 2014. Nesse projeto, foram aplicados questionários a 241 empresas de vestuário, têxteis e calçadistas, envolvendo questões acerca das quatro capacidades de inovação. Com um exame inicial dos dados coletados, percebe-se uma relativa heterogeneidade nesses setores, pois existem empresas que atendem a diferentes mercados – há as que produzem sapatos padrões muito semelhantes à indústria têxtil (ambos de qualidade regular), assim como há a produção de calçados de luxo (ou de alto valor agregado) com uma realidade mais próxima da indústria do vestuário –, adaptando sua configuração de capacidades de formas distintas. Vê-se, então, a partir dos resultados preliminares, que as indústrias têxtil e calçadista (excetuando as firmas que fabricam produtos de luxo) dão ênfase demasiada à operação, tendo que prosperar, respectivamente, nas aptidões de desenvolvimento e transacional. Portanto, as capacidades relacionadas à agregação de valor nessas empresas necessitam de uma maior atenção quando se objetiva o crescimento do negócio, ou seja, é mandatório que exista uma mudança de posicionamento estratégico dessas organizações, que já é perceptível nas indústrias de alto valor agregado calçadista e do vestuário. Por isso, a melhor alternativa, de maneira geral, seria apostar no segmento de luxo (ou de alto valor agregado), para que seja aproveitada a expertise tradicional do setor e para que melhore o sistema corrente, convertendo os mesmos custos, ou talvez até dispêndios maiores pela qualidade dos materiais requisitados por produtos de alto valor agregado, em níveis maiores de receita.